

## ESTADOS UNIDOS

# Epstein, o fantasma que assombra Trump

Presidente processa jornal por divulgar carta lasciva supostamente enviada ao financista acusado de tráfico sexual e pede a liberação parcial de arquivos sobre o caso. Republicano enfrenta pressão de eleitores por rumores sobre envolvimento

» RODRIGO CRAVEIRO

Jeffrey Epstein foi encontrado morto em sua cela, no Centro Correcional Metropolitano de Nova York, em 10 de agosto de 2019. Quase seis anos depois, o fantasma do financista americano acusado de pedofilia e de tráfico sexual de menores e adolescentes assombra o presidente americano. Em 5 de junho passado, Elon Musk — dono da Tesla, do SpaceX e da rede social X e ex-chefe do Departamento de Eficiência Governamental (DOGE) — rompeu com Donald Trump e causou furor com uma postagem em sua plataforma. “Hora de soltar a verdadeira grande bomba: (Trump) está nos arquivos Epstein”, escreveu. No fim da tarde de ontem, depois de um pedido do titular da Casa Branca, o Departamento de Justiça solicitou ao tribunal a publicação de parte dos documentos sobre o caso Epstein, “os depoimentos relevantes”.

Na véspera, o jornal *The Wall Street Journal* tinha colocado mais lenha na fogueira, ao publicar uma carta lasciva supostamente enviada ao financista pelo republicano, então magnata do setor imobiliário, em alusão ao 50º aniversário de Epstein, em 2003. Trump qualificou rapidamente o artigo que acompanha o teor da carta como “falso, malicioso e difamatório”. Trump processou o jornal, dois jornalistas do veículo e o magnata da mídia conservador Rupert Murdoch, dono do *WSJ* e da emissora Fox News, pela divulgação. “Eu estou ansioso em ter Rupert Murdoch depondo em meu processo contra ele e seu jornal ‘pilha de lixo’, o *WSJ*. Será uma experiência interessante”, escreveu o presidente em sua plataforma Truth Social.

### “Estúpidos”

Seguidores do “Faça a América Grande Novamente” (MAGA, pela sigla em inglês) inundaram as redes sociais com fotos e vídeos da queima de bonés vermelhos, símbolos do movimento. Nos últimos anos, cobravam a divulgação de uma suposta lista secreta de clientes de Epstein. Irritado, Trump chamou os próprios simpatizantes de “estúpidos”. Na suposta carta do atual presidente dos Estados Unidos para o financista, as linhas de texto datilografadas esboçam as curvas de uma mulher nua. A assinatura “Donald” foi colocada no lugar dos pelos pubianos. “Feliz aniversário e que cada dia seja outro maravilhoso segredo”, teria escrito Trump na mensagem.

Em entrevista ao **Correio**,

Ronald Schmidt/AFP



Manifestante segura cartaz em que clama pela divulgação dos relatórios sobre os crimes cometidos por Jeffrey Epstein, em Houston (Texas)

### Eu acho...



“É difícil saber o que há nos arquivos sobre o caso Epstein, mas parece extremamente improvável que haja uma lista de clientes ou qualquer outra bomba mostrando como elites, liberais ou outros conspiraram para ajudar Epstein a cometer crimes e, depois, o assassinaram na prisão — como sugere a teoria da conspiração. Não tenho certeza se os arquivos contêm muita informação além do que é público. Provavelmente, eles confirmarão o que se sabe sobre o caso.”

**Matthew Dallek**, professor da Faculdade de Gerenciamento Político da Universidade George Washington (em Washington)

Fotos: Arquivo pessoal



“É irônico que o presidente Trump esteja buscando apenas a divulgação dos depoimentos do Grande Júri, mas não esteja ordenando a divulgação das informações não pertencentes ao Grande Júri contidas nos ‘arquivos Jeffrey Epstein’ do Departamento de Justiça. Em relação aos materiais não pertencentes ao Grande Júri, Trump poderia ordenar a divulgação imediata sem necessidade de aprovação judicial.”

**Mitchell Epner**, ex-procurador federal e advogado na firma KTAP (em Nova York)

### Sexo, crimes e poder

#### Entenda o escândalo envolvendo Jeffrey Epstein e a suposta ligação com o presidente

#### Acusações

Jeffrey Epstein, um rico investidor americano, foi acusado pela primeira vez em 2006, depois que os pais de uma adolescente de 14 anos informaram à polícia que ele havia agredido sexualmente sua filha em sua residência na Flórida. Na época, ele evitou acusações federais, que poderiam ter lhe rendido prisão perpétua, graças a um acordo judicial polêmico com os promotores. Ao todo, ele cumpriu menos de 13 meses de detenção. Em julho de 2019, foi novamente preso em Nova York, acusado de tráfico sexual de dezenas de adolescentes com as quais teria mantido relações em troca de

dinheiro. Epstein se declarou inocente e, no mês seguinte, foi encontrado morto na cela. A médica legista apontou enforcamento.

#### Ligações com celebridades

Um julgamento contra sua ex-companheira, Ghislaine Maxwell, condenada em 2022 por ajudar Epstein a abusar de jovens, expôs os vínculos do investidor com figuras públicas, como o príncipe Andrew, do Reino Unido, e o ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton. Ambos negam envolvimento.

#### Demissão de promotora

Uma promotora federal dos Estados Unidos que trabalhou



no caso de Epstein e é filha de um crítico do presidente Donald Trump foi demitida abruptamente. Maurene Comey, filha do ex-diretor do FBI James Comey, foi despedida, na quarta-feira, do cargo

de promotora assistente em Manhattan. O Departamento de Justiça (DoJ) não comentou o assunto.

#### Teorias da conspiração

Simpatizantes de Trump acreditam na existência de uma lista de clientes implicados em crimes sexuais ao lado de Epstein. O governo Trump agora afirma que essa lista nunca existiu. Céticos também desconfiam das

circunstâncias da morte do financista, mencionando falhas nas câmeras de vigilância próximas à sua cela na noite de sua morte, além de outras irregularidades.

#### Trump e o caso Epstein

Donald Trump, que foi próximo de Epstein na época em que era magnata do setor imobiliário em Nova York, como mostram diversos vídeos e fotos, afirmou durante sua última campanha presidencial que, caso retornasse ao poder, não teria “nenhum problema” em divulgar a suposta lista de clientes, embora tenha sugerido duvidar de sua existência. Uma série de documentos divulgados em fevereiro, com o objetivo de esclarecer o caso, trouxe poucas informações novas.

Matthew Dallek, professor da Faculdade de Gerenciamento Político da Universidade George Washington (em Washington), explicou que o maior risco enfrentado por Trump é que uma parte de sua base eleitoral conclua que ele não cumpriu a promessa de descobrir a verdadeira história por trás do escândalo de Epstein. “Eles podem acreditar

que o presidente quebrou com a palavra dada aos apoiadores mais fervorosos”, admitiu. Para o estudioso, Trump faz “o que costuma fazer”, ao usar a grande mídia como “contraste”. “Ele transforma o *WSJ* em inimigo para mobilizar os apoiadores. Se o jornal está publicando reportagens negativas sobre o Trump, ele vira a mesa e culpa as ‘notícias falsas’

por instigar escândalos falsos, a fim de destruí-lo”, comentou Dallek, ao reconhecer que o republicano é muito habilidoso em executar essa velha jogada política.

Mitchell Epner, ex-procurador federal e advogado na firma KTAP (em Nova York), explicou à reportagem que tão longo o Departamento de Justiça dos EUA apresente uma moção para

a liberação do depoimento do grande júri do caso Jeffrey Epstein, um juiz presidirá o assunto e definirá um procedimento. “Espero que o tribunal solicite objeções das vítimas do tráfico sexual praticado por Epstein e de outras pessoas que aleguem interesse na privacidade da não divulgação do depoimento”, afirmou. Ele aposta em um processo

demorado. “Seria altamente incomum que fosse concluído em semanas. Meses seriam o período típico e, caso se estenda para mais de um ano, não ficaria surpresa. É possível que o tribunal rejeite o pedido na íntegra, ordene que partes limitadas do depoimento do grande júri sejam divulgadas ou revele o depoimento na íntegra”, disse.

### CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Qual será o próximo lance?

A semana termina, em Brasília, com governo e oposição de olho nos possíveis desdobramentos desde que foi explicitado o contencioso político-comercial com os EUA. Os últimos movimentos, anunciados ontem, sugerem que a contenda seguirá.

Até o fechamento da coluna, não tínhamos reação oficial do Planalto ou do Itamaraty à última ação de Washington. Em tese, tudo “empastado”: a deportação

em massa, e em sequência, de brasileiros “em situação irregular”. E as sobretaxas de até 50% impostas à importação de produtos brasileiros — ao suco de laranja e ao café, do desjejum, até o aço e os aviões da Embraer.

Agora, a semana entra sob a expectativa dos próximos movimentos, aqui e ali. A saber: vamos a um impasse a ser negociado? Ou a um impasse de fundo geopolítico, sem solução à vista?

### Quanto vale?

Jair Bolsonaro entra a semana como alvo imediato da Justiça. E, paradoxalmente, como objeto central das preocupações expressas do governo de Donald Trump sobre o que qualifica como “cerco à liberdade de expressão” no Brasil.

A discussão se desenrola em torno da autonomia do Supremo Tribunal Federal para coibir o que classifica como

convivência das chamadas big techs com a difusão de mentiras e inverdades. A questão aberta nos últimos dias para os diretamente afetados, entre eles muitos brasileiros, é: e nós?

### Otan em campo

Se restavam dúvidas quanto ao viés da intervenção de Washington nos temas em pauta, a aliança atlântica deixou tudo claro ao anunciar que se engaja contra quem quer que “se alie à Rússia” na guerra contra a Ucrânia.

Em resumo, o secretário-geral, principal

porta-voz político, do bloco, decretou que a aliança atlântica coloca em pauta o alinhamento do Brasil e de outros atores como critério para situar as relações.

### Morde ou assopra?

Em meio ao arranca-rabo com Washington e o Ocidente, nos meios políticos das bases do governo, a discussão fervia: confrontar Trump ou manear e buscar negociação? Setores da esgarçada base governista recomendavam o acordo.

A franja esquerda, porém, insiste em radicalizar.